

REPENSANDO O TURCO NO TAMBOR DE MINA

Mundicarmo Ferretti
(Universidade Federal do Maranhão)

NOTA PRÉVIA – Em 1986 apresentamos no Congresso Internacional sobre Escravidão, realizado na USP, um trabalho sobre uma das mais importantes famílias de caboclo do tambor de Mina, a de Turquia, chamando atenção para a influência do livro “História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França” sobre a mitologia daquela religião afro-brasileira. O trabalho, embora apontasse divergências encontradas na Mina Maranhense em relação à identificação do rei da Turquia (chefe daquela família de encantados), com um dos personagens do romance, associava-o claramente em alguns momentos ao almirante Balão, personagem que naquela obra prefere a morte ao batismo cristão. Um mês após a realização do congresso sobre Escravidão, entrevistando em São Luís, Dona Zeca – filha da Anastácia, fundadora do terreiro do Turquia em São Luís (a primeira pessoa na Mina a incorporar o rei da Turquia e a organizadora da linhagem de turco no tambor de Mina), tomamos conhecimento de que no terreiro de Anastácia, o rei da Turquia apresentava-se como Ferrabrás de Alexandria – turco-batizado. Como a associação do rei da Turquia ao Ferrabrás permitia uma melhor compreensão do turco no tambor de Mina, passamos a priorizá-la em nossa pesquisa e nos animamos a revisar o trabalho apresentado no congresso da Escravidão. O texto apresentado a seguir é, portanto, “O turco no tambor de Mina”, com as alterações exigidas por aquela mudança de ênfase na associação do rei da Turquia com um dos personagens do romance de Carlos Magno. Apesar de fruto de um repensar, não pretende encerrar ou esgotar a questão do turco no tambor de Mina e sim abrir uma discussão sobre o caboclo na religião afro-brasileira, a partir do caso da família de Turquia no tambor de Mina, que estamos estudando mais detidamente nos últimos anos.

INTRODUÇÃO

O contato com o tambor de Mina (manifestação religiosa de origem africana desenvolvida no norte do Brasil, principalmente no Maranhão e no Pará) leva necessariamente ao encontro com os fidalgos e com os caboclos, entidades espirituais introduzidas na Mina desde o final do século passado, pelas fundadoras dos primeiros terreiros ou por suas primeiras sucessoras.

No Maranhão, excetuando-se a casa das Minas (jeje), todos os terreiros têm caboclo e estes participam dos toques realizados para os voduns e orixás e são também ali homenageados com algumas doutrinas¹ cantadas em português no final do ritual.

Os caboclos da Mina, ao contrário do que acontece na umbanda e no candomblé-de-caboclo, raramente se apresentam como índio ou como boiadeiro. São civilizados e muitas vezes de origem nobre, como Antonio Luís (Corre-Beirada), filho de Dom Luís, rei de França, e Tabajara, filho do rei da Turquia, e por isso mesmo alguns deles são considerados fidalgos.

Na Mina tanto os caboclos como os fidalgos e os orixás têm manifestação muito semelhante aos voduns da casa das Minas. Dançam no salão por muitas horas sem se destacarem individualmente, cantam, conversam com outros encantados e com os devotos, apresentam um comportamento semelhante ao dos devotos e às vezes chegam no início do toque e permanecem na guma (barracão) até o seu encerramento. Como os voduns, alguns fidalgos e caboclos são sérios e outros são brincalhões, uns inspiram temor e outros despertam grande amizade, uns são velhos e outros são jovens. Alguns caboclos gostam de fumar mas, ao contrário dos voduns, em geral, não gostam de cachimbo, preferindo cigarros e charutos. Outros, diferenciando-se daquelas entidades africanas, fazem uso de bebida alcoólica, que nas casas mais tradicionais é oferecida a eles fora do barracão e, geralmente, após o encerramento do toque.

Tal como os voduns, os fidalgos e caboclos da Mina vêm no toque, não para trabalhar, mas para receber homenagem ou homenagear seus superiores, para dançar e para encontrar os amigos, trazendo ajuda espiritual a quem os recebe. Mas, embora o objetivo primordial de sua vinda não seja o trabalho, muitas vezes, após o toque, dão algum aviso a pessoas da comunidade, ensinam remédio e dão passes em pessoas necessitadas. Os caboclos, como os voduns e fidalgos, são também protetores e dão aos seus “cavalos” força, paz e bem-estar, daí serem tão queridos e respeitados por eles.

Na Mina cada filho-de-santo tem, além do colar ritual que marca sua vinculação com as entidades africanas, um para cada caboclo que vem na sua cabeça mais freqüentemente. Este, quando não trazido ao pescoço no início do toque, é dado a ele após a incorporação (além da toalha de renda usada pelas entidades espirituais). Os turcos geralmente usam seu rosário (colar) atravessado e preferem enrolar a toalha na mão, colocá-la sobre os ombros ou substituí-la por uma

¹ Música de vodum ou de caboclo do tambor de Mina, também denominada toada.

pana (lenço de seda muito usado por caboclo), em vez de amarrá-la na cintura. As entidades mais importantes da casa ou do pai ou mãe-de-santo usam também outros distintivos como: chicote, bengala, lenço no ombro etc. Independente destes sinais cada caboclo tem sua “marca registrada” (doutrina própria, modo de falar e dançar etc.), que facilita sua identificação quando chega na guma.

Os caboclos da Mina, como os voduns da casa jeje, são organizados em famílias, algumas muito extensas, como a de Seu Turquia, que marca sua presença em muitas casas contribuindo para estreitar o relacionamento entre terreiros, às vezes de estados e mesmo de regiões diferentes.

Geralmente não se conhece ou não se pode falar nas mães dos caboclos (o que também ocorre com os voduns da casa das Minas). É possível que esse tabu encubra sua origem popular ou bastarda pois geralmente se apregoa a nobreza de seus pais. Assim, fala-se que Seu Turquia tem três famílias: Ferrabrás (a legítima), Borgonha e Ramos (ligadas aos franceses e portugueses, pois apesar de turco é primo de Dom Luís e Dom João). Mas só se conhece o nome de uma de suas esposas, Leonor, que tem o título de rainha.²

Muitos caboclos da Mina descendem, por linha paterna, de fidalgos cristãos europeus (às vezes também ligados à Mina como encantados) como o já citado Dom Luís, rei de França (pai de Corre-Beirada), outros são descendentes de reis pagãos africanos, turcos, “ameríndios” etc., como o rei Surrupira (pai de Surrupirinha), o rei da Turquia (pai de Tabajara) e Sapequara, rei dos caboclos. Mas estes últimos, apesar da nobreza, vêm na Mina como caboclos e não como fidalgos (ao contrário dos cristãos europeus), o que mostra a existência de certa discriminação na Mina aos povos dominados ou combatidos pelos senhores das sociedades escravocratas brancas. Assim, embora nem sempre se consiga esclarecer a origem indígena ou popular dos caboclos da Mina, pode-se afirmar que quase todos têm um ancestral nobre, que é sempre lembrado, mesmo por aqueles que descendem dele de forma bastarda (no que em muito se assemelham ao povo brasileiro).

O prestígio do caboclo no tambor de Mina, embora inferior ao dos voduns, orixás e fidalgos, pode ser muito alto pois, apesar dos terreiros serem muitas vezes consagrados às entidades africanas do seu fundador ou fundadora, são geralmente chefiados pelo caboclo do pai ou da mãe-de-santo que, na maioria das vezes, precedeu

² Numa segunda versão, as três famílias turcas são: Ferrabrás, Mouro e Ramos (a esta pertencem a Cabocla Mariana, dos primeiros filhos do rei da Turquia, e Aquirital, entidade recebida por Dona Zeca, do terreiro da Turquia).

as entidades africanas na sua cabeça e foi quem abriu o terreiro. Esse prestígio, no entanto, é muitas vezes negado diante de pessoas que não pertencem à comunidade, em virtude do preconceito existente nos meios mais intelectualizados e tradicionalistas em relação aos elementos não africanos encontrados nas casas de culto.

Na Mina não há separação rigorosa entre voduns, orixás, fidalgos e caboclos, haja visto que há muito tempo eles dançam juntos, no mesmo toque, até mesmo na centenária casa de Nagô. Entidades classificadas em um terreiro como fidalgos podem ser consideradas por outro como voduns Cambinda, Caxeu, Felupe, “Taipa” etc., como Pedro Anção, muito conhecida em Codó (Maranhão) e em São Luís, nos terreiros de caboclo. Outras, podem ser classificadas como vodum por uns e como caboclo por outros, como é o caso de Légua Buji-Buá, chefe da linha da mata, em Codó, que, segundo Jorge (um dos pais-de-santo mais conhecidos do Maranhão), é metade Légua (Exu) e metade Paliboji (voduns da casa das Minas), e que para muitos adeptos do tambor de Mina é caboclo, pois gosta muito de bebida e de farra, coisa que não combina com vodum. De forma conciliatória pode-se dizer que Légua, embora não sendo caboclo, costuma vir como tal, como Seu Turquia, pois entrou na mata e vem na corrente de caboclo.

Referindo-se a problemas de classificação das entidades da Mina no Pará, Anaiza Vergolino e Silva³ esclarece que seu enquadramento em uma categoria depende do modo como se manifestou na cabeça de cada médium e é, portanto, determinada pela própria entidade espiritual. Assim, Tupinambá vem em Belém como “voduno” (sic) em um médium, como “senhor” em outro, como “caboclo” em um terceiro, sendo plenamente aceito uma vez que as três manifestações ocorreram dentro de certos padrões e o sistema permite tais variações.

Como os pesquisadores geralmente se interessam mais pelas entidades africanas do que pelos fidalgos e caboclos, há poucas informações sobre estes na literatura e não se tem uma visão clara e completa sobre eles. Pretendemos aqui, ao falar sobre o turco no tambor de Mina, sistematizar o que foi divulgado sobre a família de Seu Turquia, principalmente pelos Leacock,⁴ por Anaiza Vergolino e por Rosário Santos,⁵ o que foi informado a respeito dela por dois

³ “O Tambor de Flores; uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará (1965-1975)”, Campinas, UNICAMP, 1976, dissertação de mestrado (mimeo).

⁴ Seth e Ruth Leacock, *Spirits of the Deep: a study of an Afro-Brazilian Cult*, New York, Anchor, 1975.

⁵ Maria do Rosário Carvalho Santos, *Boboromina: guerreiros de São Luís do Maranhão; uma interpretação sócio-cultural*, São Luís, UFMA, 1986 (revisto e publicado em livro pela SECMA/SIOGB, em 1989).

pais-de-santo mais conhecidos de São Luís, Euclides Menezes Ferreira,⁶ da casa de Fanti-Ashanti (que atualmente responde também pelo terreiro da Turquia), e Jorge Itaci de Oliveira,⁷ do terreiro de Iemanjá (ex-presidente da Federação de Umbanda e Cultos Afro-brasileiros do Maranhão), em obras publicadas e em entrevistas a nós concedidas no período de 84-86; e o que nos foi dado a conhecer em 83 pelos caboclos Tabajara e Antonio Luís (na cabeça de Euclides), em conversa na casa Fanti-Ashanti.

O TERREIRO DA TURQUIA E A LINHA DE TURCO NO TAMBOR DE MINA

No final do século passado, quando Anastácia Lúcia dos Santos entrou em transe em São Luís com o rei da Turquia (para uns o conhecido almirante Balão, e para outros o seu filho, Ferrabrás, do romance de Carlos Magno e os doze pares de França, traduzido em língua portuguesa por Jerônimo Moreira de Carvalho⁸), já havia turco no tambor de Mina. Conforme registrou Rosário Santos, naquela época já baixavam várias princesas turcas no terreiro de Manoel Teus Santo, onde Anastácia recebeu aquela entidade, e conta-se que o pai veio ali à procura das filhas.

Segundo Euclides, com a abertura da casa de Anastácia, dentro dos preceitos da nação “taipa”, Seu Turquia chegou a reunir vinte e três filhos num toque (dentre os que chegaram antes dele e os que ele foi chamando e que não eram ainda conhecidos na Mina). Por isso se diz que aquele terreiro é o berço da linha de turco ou da nação “taipa”, a que pertencem os encantados também conhecidos como mouros, simbolizada por um chifre e pelas cores verde, amarelo e encarnado (vermelho).

Conforme explica Jorge de Oliveira, a linha “taipa” ou bêta (como é denominada no interior do Maranhão) é nagô islamizada, adotado por encantados turcos mauritanos, povo nobre e guerreiro, que entrou na encantaria maranhense. A ela também pertencia o terreiro do Engenho, oriundo do Egito (onde foram feitos tanto Jorge como Euclides), e onde vinha o rei da Bandeira, filho ou irmão de Seu Turquia.

⁶ *A casa Fanti-Ashanti e seu alaxé*, São Luís, Ed. Alcântara, 1987; *O candomblé no Maranhão*, São Luís, Ed. Alcântara, 1984.

⁷ *Orixás e voduns nos terreiros de Mina*, São Luís, Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão, 1989.

⁸ *História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França*, Rio de Janeiro, Livraria Império, s.d. (traduzido de edição espanhola publicada em 1728-1737).

De acordo com Nina Rodrigues,⁹ os últimos representantes dos tapa no Brasil, embora conservassem sua língua, falavam nagô e eram muito ligados aos hauçás, povo também maometano de quem eram vizinhos na África. Seria Manoel Teus Santo (pai de Anastácia), um tapa “nagoizado” que, por pertencer a uma nação islamizada, teria recebido em sua casa uma entidade conhecida como rei dos turcos? Na casa de Nagô, onde também existem várias entidades da família do rei da Turquia, os “taipa” são considerados nagô, como tivemos oportunidade de ouvir da centenária mãe Dudu, falecida no final de janeiro de 88. Mas aquela casa não era considerada bêta para Dona Joana de Badé, vodunsi da casa das Minas falecida dois anos antes com 80 anos. Para Dona Joana só havia no Maranhão dois terreiros de nação: a casa das Minas (jeje) e a casa de Nagô, consagrada a Xangô. Todos os demais eram bêta, termo que para ela parecia significar “de caboclo” (e não de vodum ou orixá), ou da linha da mata (de caboclo, com alguns voduns como Averekete, Badé e Doçú), linha considerada originária de terreiros cambinda de Codó, muito ligados à casa das Minas no passado, e a que pertencia, segundo Jorge, a casa de Maximiana, derivada da casa de Nagô (documentada em 1938 pela Missão de Pesquisa Folclórica, criada por Mário de Andrade).

A ligação do terreiro da Turquia com Codó era muito grande pois, foi ali que Anastácia nasceu e viveu sua infância, no meio de pessoas ligadas a terreiro. Além da família de seu pai ser muito ligada a Mina, sua mãe chegou a abrir ali uma casa na linha da mata, pois recebia entidades espirituais das linhas de Mina e de Cura, inclusive o rei da Turquia, como informa Rosário dos Santos.¹⁰

Codó, terra de terreiros cambinda, foi, não apenas, berço da linha da mata, mas também, de muitos encantados da Mina. Em São Luís, embora a casa cambinda visitada nos anos quarenta por Octávio da Costa Eduardo¹¹ tenha desaparecido, os cambinda exerceram grande influência na casa de Nagô e são homenageados na casa das Minas, na festa de São Sebastião, com alguns cânticos em português, como registra Sergio Ferretti.¹² A ligação da linha “taipa” ou bêta (da Turquia), com a linha da mata de Codó (cambinda), é tão estreita que o próprio Jorge classifica os terreiros da Turquia e do Engenho ora como bêta, ora como mata-cambinda, e no glossário de seu livro sobre tambor de Mina¹³ define bêta como mata-cambinda.

⁹ *Os africanos no Brasil*, São Paulo, Nacional, 1977 (original de 1905), p. 109.

¹⁰ *Op. cit.*, p. 53.

¹¹ *The negro in Northern Brazil. A study in acculturation*, New York, J.J. Augustin, 1948.

¹² *Querebentan de Zomadonu, etnografia da casa das Minas*, São Luís, EDUFMA, 1986.

¹³ *Op. cit.*

Anastácia, vindo aos treze anos para São Luís, morou por algum tempo na casa das Minas (que, como falamos anteriormente, era muito ligada ao povo de Codó), tornando-se muito amiga de Mãe Andresa. Frequentando o terreiro de Manoel Teus Santo bolou (entrou em transe) com Nanã Burucu (cultuada na casa jeje como entidade nagô), recebendo depois Pedrinho (orixá ou fidalgo) e rei da Turquia (na linha de caboclo). Como este vinha em sua cabeça mais freqüentemente foi para ele que abriu seu terreiro em 1889. Segundo Euclides, Anastácia dirigiu a Turquia durante 83 anos, preparando muitos filhos-de-santo e implantando várias casas de Mina no Maranhão e no Pará.

Após o seu falecimento, com mais de cem anos, a Turquia passou a ser comandada por Euclides, babalorixá da casa de Fanti-Ashanti, que “carrega” três encantados da família de Seu Turquia. O toque realizado em junho, quando se comemora o aniversário do terreiro, reúne os filhos da casa, dispersos em diversos terreiros, após a morte da fundadora, e uma grande quantidade de médiuns que dançam com turcos e que mesmo pertencendo a outros terreiros são considerados da casa, pois são da mesma família.

Como a casa das Minas e a casa de Nagô deixaram de preparar mães-de-santo desde 1914 e se opunham à abertura de novas casas (como registra Sergio Ferretti),¹⁴ grande foi a influência de Anastácia nos terreiros abertos desde as primeiras décadas do nosso século até o seu falecimento, ocorrido no início dos anos setenta. Essa influência foi também sentida no Pará onde a Mina foi levada por Mãe Docá, sua irmã-de-santo, e durante muito tempo foi assistida pelos terreiros do Maranhão.

É possível também que a procura de Anastácia tenha sido maior em virtude do preceito “taipa” ser mais adaptado às condições de vida dos novos pais e mães-de-santo e dos turcos terem penetrado rapidamente em grande número de terreiros. Muitas casas abertas em São Luís nos anos quarenta e cinquenta buscaram também sua legitimação no terreiro do Egito que, como já falamos anteriormente, era muito ligado à Turquia. É o caso da casa de Fanti-Ashanti que teve seu babalorixá preparado por Mãe Pia no Egito, para o culto dos orixás, e confirmado na linha de caboclo por Anastácia, por indicação daquela, a quem era muito ligada por laços de amizade.

Preparando pais e mães-de-santo e assentando terreiros, Anastácia não só contribuiu para a expansão da Mina no Maranhão e na região Norte, como também, para consolidar a integração àquela

¹⁴ *Op. cit.*

religião de entidades não-africanas sem abalar sua estrutura tradicional e o prestígio dos voduns e orixás. É bem verdade que esse processo já se iniciara, em São Luís, tanto na casa de Nagô como no terreiro de Manoel Teus Santo (onde Anastácia foi preparada), e provavelmente também no Egito e que foi continuado pelos terreiros oriundos da casa de Nagô abertos no início do século. Mas foi a Turquia quem mais se notabilizou nesse processo.

Anastácia, além de ter empreendido várias viagens para o interior do Maranhão e estados vizinhos e de ser mais aberta que as mães-de-santo do seu tempo, era muito bem relacionada com os terreiros tradicionais. Tinha também como guia espiritual o chefe da família de turco, rei da Turquia, o Ferrabrás, conhecido nas danças de batalha de mouros e cristãos, como a chegada, realizada antigamente na Turquia durante o carnaval. Até 1945 a chegada foi muito difundida em São Luís, conforme nos informou Dona Celeste, da casa das Minas, filha de um fervoroso brincante de chegada.

Os turcos eram também conhecidos através do romance de Carlos Magno e os doze pares de França, muito procurado em São Luís na antiga livraria editora Ramos de Almeida pelo povo do interior do Estado, como nos assegurou o escritor José Jansen, filho do proprietário, que trabalhou ali nos anos vinte. E por influência daquela obra (lida em voz alta e repetida, de cor, trinta anos após, em Cururupu), um dos técnicos da Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão (falecido em 1991) chamava-se Roldão e a boneca de sua irmã era denominada Floripes.

A ligação do terreiro da Turquia, tanto com o romance de Carlos Magno e os doze pares de França como com as danças dramáticas, já fora suspeitada por Oneyda Alvarenga, em 1948, quando analisando registros sobre tambor de Mina, feitos dez anos antes em São Luís pela Missão de Pesquisa Folclórica, no terreiro de Maximiana, identifica entre os informantes uma pessoa iniciada pela Turquia. Alvarenga detecta também a penetração daquele romance na religião afro-maranhense pela referência na letra de uma das músicas gravadas a Guarim, um dos seus personagens, e a batalhas entre mouros e cristãos.

A observação de Alvarenga passou quase despercebida durante muitos anos, talvez por causa do desinteresse dos pesquisadores pelos chamados cultos sincréticos e da apregoada adoção do catolicismo pelo povo de Mina. A questão dos mouros no tambor de Mina só foi retomada em 72 pelos Leacock (1972-1975), após a realização de pesquisa entre 62 e 65 em Belém do Pará e a constatação da

importância da família de Seu Turquia no batuque (denominação local do tambor de Mina).

Seguindo a trilha traçada por Alvarenga, os Leacock viram a presença dos turcos no batuque como influência das mouriscas, danças muito populares nas festas religiosas de Portugal e do Brasil. Registram que, naquele contexto, os turcos, guerreiros pagãos também chamados mouros, eram chefiados pelo irmão de Floripes, princesa moura que no romance aparece como filha do almirante Balão (um dos nomes pelos quais Seu Turquia é também conhecido no Maranhão).

A relação entre os encantados de Mina e o romance de Carlos Magno nos foi apontada na casa de Fanti-Ashanti, no final de 83, por dois caboclos de Euclides, Tabajara, chefe da casa e filho do rei da Turquia, e Corre-Beirada, que vem nele como “farrista” na linha de cura, antes do nosso contato com os trabalhos de Alvarenga e dos Leacock. Em 87, realizando um confronto entre o conteúdo daquele romance e a história dos turcos contada em São Luís por aqueles caboclos e também por Rosário Santos, Euclides Ferreira e Jorge de Oliveira (em entrevistas a nós concedidas e em obras publicadas, prefaciadas por Sérgio Ferretti), constatamos que a hipótese de Alvarenga sobre a influência daquele livro e das mouriscas no tambor de Mina podia ser facilmente comprovada.¹⁵

Na história contada em São Luís sobre a família de Seu Turquia, são conhecidos não apenas o almirante Balão (o rei da Turquia ou o seu pai) e a princesa Floripes (ali também esposa de Gui de Borgonha, porém, algumas vezes, irmã e outras filha do rei da Turquia). São também mencionados: Ferrabrás (que na Mina além de nome de filho do almirante é nome de uma das famílias por ele constituídas, o que talvez explique por que o rei da Turquia nem sempre é conhecido como o Ferrabrás, irmão de Floripes) e Burlante (comandante do navio de Dom João, que trouxe o rei da Turquia para o Brasil e que deu nome a um dos tambores no terreiro de Anastácia). Também aí se faz referência ao encantamento de Seu Turquia num veado branco (daí os médiuns que recebem turco não comerem carne daquela caça), animal que no romance aparece ajudando os cristãos a atravessar uma ponte.

A inimizade entre mouros e cristãos, no discurso de encantados e de pessoas ligadas à Mina maranhense, vem também de longas datas. Segundo Euclides (com Tabajara), a luta começou quando os cristãos

¹⁵ Mundicarmo Ferreti, “Seu Turquia e sua gente no tambor de Mina: a importância de um livro numa cultura oral”, in: “Meu Pai me deu um Livro”, relatório de pesquisa encaminhado em 1987 à Funarte.

da Europa não aceitaram o almirante Balão como rei das terras dos mouros, por ser turco, e os turcos não quiseram se submeter a um rei português (Dom Manoel ou Dom João), apesar de Seu Turquia ser primo de Dom Luís e de Dom João. A batalha tornou-se mais intensa quando uma irmã do rei da Turquia (Floripes?) ligou-se a um estrangeiro e houve participação de muitos nobres a quem o romance não se refere, como Dom Francisco e Dom Felipe (seriam cristãos que passaram para o lado dos turcos, pois na casa de Euclides há uma toada de cura onde o primeiro se diz filho do rei da Turquia?!).

Mas como é possível a presença no terreiro da Turquia de entidades pagãs não sincretizadas com santos católicos quando Anastácia era cristã e realizava em sua casa não apenas o festejo do Espírito Santo, tradicional no Maranhão, mas também mandava rezar missa na festa de suas entidades espirituais?

Como já foi informado, o terreiro da Turquia define-se como “taipa” e os tapas são conhecidos como maometanos, portanto, pagãos. Sendo assim, o grupo de Anastácia teve que construir sua identidade religiosa harmonizando elementos que para muitos são incompatíveis, de modo a permitir o culto aos voduns e orixás, a devoção aos santos católicos a eles relacionados e a dedicação e submissão aos turcos que (embora anti-cristãos e maometanos) ali se subordinavam aos voduns (que eram louvados antes deles nos toques) e, mesmo quando continuando pagãos, respeitavam os santos.

Conforme Euclides, como Anastácia era católica e os voduns do Maranhão são devotos dos santos, a Turquia sempre procurou fazer com que os mouros que chegaram ali como encantados se tornassem cristãos. Mas, apesar do rei da Turquia ter aceito São João (homenageado na festa de inauguração do terreiro), seu filho Jaguarema e vários outros continuam rejeitando o cristianismo e são conhecidas as críticas que aquele faz aos santos e a quem neles deposita sua fé.¹⁶

Mas, como observaram os Leacock, os turcos não foram integrados à religião afro-brasileira como maus e derrotados, na Mina sua imagem foi reelaborada. Segundo aqueles pesquisadores, em Belém os turcos são vistos como guerreiros que ajudaram muitos povos a lutar contra seus inimigos. Como era costume após as batalhas seu Turquia adotar filhos dos aliados, em sinal de gratidão, e dos vencidos, em sinal de paz, chega a duzentos o número de seus filhos. Assim, Caboclo Nobre foi dado a ele por Pedro Anção que, por sua vez, tornou-se representante do rei da Turquia em Codó,

¹⁶ O rei da Turquia (Ferrabrás), recebido por Anastácia como turco-batizado, consolidou no terreiro dela sua ligação ao catolicismo aceitando ser associado a São João e batizando seus filhos. Contudo, fala-se que alguns deles nunca aceitaram o batismo.

e o encantado conhecido como Goiabeira, filho do príncipe da Itália, foi também integrado com sua esposa à família da Turquia para consolidar uma daquelas alianças.

Para os Leacock, a imagem do turco no batuque é mais positiva do que a transmitida pelas danças mouriscas porque, provavelmente, muitos negros que participavam dos dramas encenados pelos jesuítas com fins catequéticos, o fizeram identificados secretamente com os turcos e depois, na privacidade de suas cerimônias religiosas renderam a eles homenagens e enaltecera suas qualidades.

Essa visão positiva do turco no tambor de Mina parece fugir à regra geral pois, geralmente, no folclore, quando aparecem mouros e cristãos, aqueles, além de serem apresentados como maus, tem que ser sempre vencidos, como mostra Marlyse Meyer.¹⁷ Mas depois do terreiro da Turquia ter sido definido como “taipa” a imagem positiva do turco no tambor de Mina parece mais do que natural. Não era também de se estranhar que um negro “taipa” fizesse, do romance de Carlos Magno e os doze pares de França e dos dramas ensinados pelos jesuítas, uma leitura muito diferente daquela que foi feita pelos não identificados com o islamismo, mesmo que tivesse sido convertido ao cristianismo. E que os negros “taipa” (islamizados?) quizessem homenagear em suas festas os heróis mouros das lutas contra os cristãos, contra quem lutou Carlos Magno e mais tarde o rei Sebastião, também encantado com toda sua corte no Maranhão, como já foi declarado por Jomar Moraes¹⁸ e por Pedro Braga dos Santos.¹⁹

No terreiro da Turquia, os mouros, reconhecidos como guerreiros pagãos, são admirados e respeitados. Ali o Ferrabrás é “rei coroad”; manda no terreiro e em toda a família de turco. Mas não apenas as vitórias dos turcos são conhecidas, o povo de Mina lembra também de suas derrotas, como a que parece ter ocorrido na guerra do Paraguai, a que se refere a letra de uma doutrina cantada tanto na Turquia como na casa de Nagô:

*Para vodum, senhor João Marambaia
Mataram o turco, ficou o rei do “Paraguaia” (sic)
Turco chorou no romper do dia
Mataram o turco, senhora Dona Maria²⁰*

¹⁷ *Tem mouro na Costa; ou, Carlos Magno, reis do Congo*, São Paulo, nov. 1986.

¹⁸ *O rei touro e outras lendas maranhenses*, São Luís, Ed. SIOGB, 1980.

¹⁹ *O sebastianismo no Maranhão*, São Luís, IPES, 1983.

²⁰ Numa segunda versão, fala-se “mataram o turco que era o rei do Paraguaia”. Ouvimos ainda esta música em Diadema (SP), na casa de Francelino, com o seguinte texto: “Fala vodum, senhor Imbarabaia, prenderam o turco, nosso rei de Imbarabaia”.

Conforme Euclides, foi provavelmente após aquelas derrotas que Tabajara, filho do rei da Turquia, com o corpo todo ferido, foi curado pela índia Bartira, nativa do lugar em que a batalha foi realizada, que ele depois trouxe para o Brasil como esposa.

A história dos turcos contada no Maranhão registra também a integração de cristãos e europeus à família do rei da Turquia, como Douro, associada a Joana d'Arc (que, acusada de bruxaria, morreu afirmando sua fé cristã e confirmando sua comunicação com entidades espirituais), e Jaguarema (ex-padre que, deixando de lutar contra os mouros, tornou-se inimigo da Igreja Católica). A primeira, conhecida entre os turcos como Douro, é considerada a mãe dos filhos de Seu Turquia. Como Joana d'Arc foi morta como bruxa e depois proclamada santa pela Igreja Católica, é possível que o povo de Mina tenha recebido os mouros como outras vítimas da ignorância e da intolerância religiosa de membros daquela igreja, que também fechou terreiros e perseguiu no Brasil pessoas ligadas à religião de origem africana.

Mas a história de Seu Turquia no tambor de Mina, embora em muito se aproxime da cantada naquele romance, não se reduz a ela. Além de vincular-se a outro contexto sócio-cultural, versa sobre encantados; sobre seres que venceram a morte, desafiaram o tempo e que continuam ainda hoje interferindo no mundo "dos pecadores". Assim, episódios da época de Carlos Magno são reunidos a outros ocorridos durante a Inquisição, a guerra do Paraguai etc., onde houve discriminação religiosa, participação de escravos e outros motivos capazes de sensibilizar aqueles encantados ou o povo com quem se comunicam.²¹ A história de Seu Turquia contada pelo povo do batuque de Belém aos Leacock²² registra também batalhas participadas pelos turcos que talvez não possuam correspondentes na historiografia e que sejam conhecidas apenas pelos devotos, como a que envolveu Pedro Anção, de Codó, e a que foi travada por índios norte-americanos que também teriam dado um de seus filhos ao rei da Turquia.

A ligação dos turcos com índios norte americanos não é mencionada, no Maranhão, pelo povo de Mina e nem aparece nas letras das músicas por eles cantadas durante os rituais religiosos. Suspeitamos uma vez de sua existência ao encontrar num canjerê (tambor de índio), um médium da casa Fanti-Ashanti (que mora em Belém),

²¹ Referência à participação dos turcos ou mouros na guerra do Paraguai foi também encontrada por Mário de Andrade em cheganças de mouro em Natal (RN), onde os mouros aparecem como definitivamente vencidos por Caxias, cf. *O turista aprendiz*, São Paulo, Duas Cidades, 1983, p. 247.

²² *Op. cit.*, p. 130.

incorporado com Pena Verde, trazendo na cabeça um cocar com duas pontas caindo sobre o peito. Indagando sobre a procedência do cocar fomos informados de que a referida peça era usada por índios “da ilha de Marajó” (sic) e que, portanto, seria brasileira (usada à moda dos peles-vermelhas).

No Maranhão explica-se a relação dos turcos com índios brasileiros fazendo-se referência à entrada deles na aldeia de Caboclo Velho, o índio Sapequara do Baixo Amazonas, o que justificaria sua vinda na Mina como caboclos e não como fidalgos. Segundo conta Euclides, o rei da Turquia chegou ao Brasil no navio de Dom João e perdendo-se daquele, que era seu primo, ficou morando no outeiro da Cruz (região onde sempre foi sediado o terreiro da Turquia e onde existe o marco da batalha que expulsou os holandeses do Maranhão). O reencontro com Dom João só ocorreu muitos anos depois quando, misturados aos índios, muitos turcos adotavam nomes indígenas, como: Juracema, Irajá, Ubirajara e Ubiratã, que foram criados por Caboclo Velho.

Na versão de Jorge, Seu Turquia chegou como prisioneiro junto com Dom Luís, rei de França, que fez a última cruzada contra os mouros. O primeiro veio em Anastácia na mesma época que Dom Luís foi recebido na casa de Nagô, por Mãe Alta. Como no romance de Carlos Magno e os doze pares de França, o almirante Balão era rei de Águas Mortas e, segundo nos informou Marlyse Meyer, esse nome designa a região no sul da França onde morreu Luís IX e onde existem muitos ciganos, é possível que essa segunda versão tenha maior apoio no romance, enquanto que a primeira tenha sido elaborada no Maranhão independentemente do romance e da historiografia das lutas entre mouros e cristãos.

Para Euclides os turcos passando a considerar Caboclo Velho como pai adotivo começaram a acompanhá-lo quando ele e sua família eram chamados no tambor de Mina. Depois, como gostam de farra e de cachaça, preferiram continuar como caboclos do que procurar entrar no grupo de fidalgos, ao lado de Dom Luís e Dom João, primos de Seu Turquia. Mas os turcos têm ainda outros pontos em comum com os índios brasileiros, são também considerados guerreiros e pagãos e talvez por isso mesmo sejam encarados por Euclides como “gentilheiros” (palavra que tanto pode ser originada de gentil como de “gentio”, e que para ele parece significar: “nobres pagãos”). Talvez também por terem entrado na aldeia de Caboclo Velho, os turcos sejam tão ligados à cura (pajelança). Como explica Jorge, no Maranhão a religião de origem indígena foi muito influenciada pelo tambor de Mina, daí muitas entidades espirituais pertencen-

cerem tanto à Mina como à Cura e muito curador ter “botado tambor” sem passar pela iniciação exigida na religião africana, apresentando-se como “feitos no fundo” (preparados antes de nascer).

Seu Turquia parece ter também construído sólidas amizades fora do campo de batalha. O vodum Averekete, a quem os turcos no Maranhão chamam padrinho, é tido em Belém como pai adotivo da princesa Dalva, filha do rei da Turquia. Dom João Soeira (ou simplesmente Dom João) é também conhecido como pai adotivo de Basílio Bom, filho daquele turco que na cura vem com o nome de Guilherme, como registram os Leacock. No Maranhão os turcos são também muito relacionados com a família de Légua Buji-Buá, filho de Pedro Angaço que chefia a linha da mata de Codó. Não sabemos se esse entrosamento vem da amizade de Seu Turquia com Pedro Angaço (que segundo os Leacock foi designado representante daquele em Codó, após uma luta onde estiveram juntos), ou se na história dos turcos há um episódio especial que explique aquela ligação.

Como se pode ver as ligações de Seu Turquia com outras famílias de encantados são tão numerosas que um levantamento completo delas exigiria um estudo de toda a mitologia da Mina, não só das partes referentes aos caboclos e fidalgos, mas também, das que tratam de suas ligações voduns e orixás. Montar sua história é uma tarefa fascinante e necessária mas também muito penosa, pois, ela não sai facilmente, nem por inteiro, da boca dos informantes. Para poder aparecer de modo integrado tem que ser montada a partir de relatos de episódios isolados, às vezes contraditórios, privilegiando-se uns e às vezes afastando-se outros, que não se harmonizam com os demais ou que introduzem contradições dentro da narrativa. Os devotos, acostumados com os mistérios que envolvem o mundo sobrenatural e suas relações com o mundo da natureza, não costumam fazer essa sistematização. E talvez acreditem mesmo que todo esforço neste sentido não levará a muito longe, pois, entre o nosso mundo e o dos seres espirituais existe um grande abismo, e como os encantados não querem falar de si nós nunca entenderemos bem nem saberemos como é o seu mundo, uma vez que não podemos, como eles, passar de um lado para outro.

CONCLUSÃO

Depois de tantas considerações, gostaríamos de lembrar, para concluir, que a linha de turco é das mais antigas e das mais importantes do tambor de Mina. Embora o prestígio dos turcos seja inferior ao dos voduns e orixás, entidades trazidas da África pelas fundadoras e cultuadas nos terreiros, eles constituem a maior família de encan-

tados da Mina, marcam sua presença em quase todos os terreiros da região e relacionam-se com grande número de famílias de encantados, penetrando também na pajelança de origem ameríndia. Os turcos são ainda conhecidos em outros domínios da cultura popular, como no romance de Carlos Magno e os doze pares de França, nos folhetos de cordel nele baseados e nas danças dramáticas, como as da chegada, que contam parte daquela história.

A história de Seu Turquia contada pelo povo de Mina é, em grande parte, uma reelaboração do romance de Carlos Magno e os doze pares de França mas não se reduz à que foi contada naquela obra. Como encantados os turcos não estão mais sujeitos aos condicionamentos temporais e espaciais que aprisionam os personagens históricos, o que possibilita a integração à família do rei da Turquia (Ferrabrás), de personalidades conhecidas muitos séculos depois da morte de Carlos Magno (que combateram com os turcos em épocas e lugares afastados ou que com eles se vincularam).

Os turcos foram recebidos no terreiro da Turquia e integrados à Mina como nobres pagãos e como guerreiros bem sucedidos, o que foi facilitado pelo catolicismo aberto, vivido pelo povo de santo, e pela identificação da fundadora daquela casa de culto com a nação tapa (islamizada). Mas, apesar de guerreiros e revolucionários, não representam uma ameaça à classe dirigente e ao poder constituído uma vez que, além de subordinados às entidades africanas (sincretizadas com os santos católicos) e controlados no seu ódio aos cristãos por respeito a Anastácia e pelas concessões feitas ao cristianismo, pelo próprio Ferrabrás (no romance e na Mina), a atuação dos turcos foi verificada quase sempre em lutas motivadas por questões religiosas (como as que envolveram Carlos Magno, Luís IX, Joana d'Arc) e outras menos conhecidas, que envolveram Pedro Angaço (de Codó) e índios americanos.

Apesar de conhecidos como entidades espirituais “taipas” e como nobres, os turcos não foram integrados na Mina nem como voduns nem como fidalgos, categorias mais prestigiadas. Entraram na Mina como caboclos, na corrente de Caboclo Velho, talvez porque apesar de nobres eram pagãos como os índios brasileiros, daí serem também classificados de “gentilheiros” (nobres pagãos). Distinguem-se, no entanto, de outros caboclos por disporem de maior “fundamento”, de doutrinas próprias, história bem elaborada e símbolos bem definidos, nem sempre conhecidos por todos aqueles com os quais entram em contato, uma vez que nem todos os pais e mães-de-santo que têm turcos em suas casas foram preparados por Anastácia e por pessoas por ela confirmadas.